

"Temos uma boa oferta no Concelho, todas as escolas trabalham bem"

Nuno Moutinho, director-geral do Colégio das Terras de Santa Maria, não concorda que o ensino privado seja para ricos e o público para pobres. Os projectos são diferentes, na sua opinião, mas estudar num lado ou noutro não deve ser um problema de rendimento. O Colégio tem instalações em Argoncilhe do 5.º ao 12.º ano e o Externato Paraíso dos Pequenos em Lourosa com o pré-escolar e 1.º Ciclo. Ao todo, 630 alunos de vários concelhos, Gaia, Feira, Ovar, Espinho. O mérito de quem ensina é muito importante nesta casa. Por isso, o corpo docente é estável e empenhado. Os alunos com quatro anos de idade têm quatro horas de Inglês por semana, a partir do 3.º ano a Filosofia aparece no programa e desde o 10.º ano há aulas de apoio para preparação dos exames nacionais. O desenho curricular é uma peça importante. E todos os alunos que acabam o 12.º ano entram na universidade, a esmagadora maioria na primeira opção. Este Colégio não é meramente uma empresa, é um projecto de família que começou a caminhar em 1979 e que entretanto alargou horizontes.

Uma boa escola faz um bom aluno?

Também faz, claro. Não chega, mas é uma condição necessária. Às vezes, uma escola pode não ser uma boa escola por factores alheios. Por vezes, isso acontece no ensino público.

Ainda subsiste a ideia que o ensino privado é para ricos e o ensino público para famílias com menor poder financeiro?

Em Santa Maria da Feira, isso não é verdade. Não considero que assim seja. E ainda bem. Até porque há legislação e bolsas de estudo para quem tiver rendimentos mais baixos.

O ensino público e o ensino privado podem caminhar lado a lado?

São projectos diferentes. Não tem de ser necessariamente um problema de rendimento e acho que não é. Os alunos de famílias com rendimentos mais baixos são, se calhar, os que se esforçam mais. São um exemplo para todos. São uma riqueza fantástica na escola. Por vezes, há a ideia que os bons alunos têm de vir obrigatoriamente de escalões socioeconómicos altos. E isso é falso.

Esse não é um critério para entrar no Colégio?

Não, de todo. Como sabemos que pode haver pais com dificuldades em pagar, tentamos que saibam a partida o dinheiro que têm de ter para a escola. A festa cultural de fim de ano é a escola que suporta - por duas vezes enchemos o Europarque com 3.000 pessoas. Os pais não pa-

gam para entrar, não há bilhetes. Não cobramos visitas de estudo. Os pais pagam a inscrição e a mensalidade. Não há nenhum valor extra.

Para nós é muito importante que os pais valorizem e considerem que este projecto é bom para os seus filhos. Nesse sentido, tentamos tudo para fazer o seu percurso académico na escola.

O Colégio tem tido boas posições nos rankings nacionais. Como olha para essas listas? São um bom indicador?

Não, de todo. São mesmo injustos para algumas escolas públicas que fazem um trabalho fantástico. Os rankings não são um indicador positivo. Não se pode comparar o que é incomparável. Os rankings são o que são e deviam ser lidos de outra forma. Comparamos a nossa posição com escolas muito parecidas, nomeadamente alguns colégios de Vila Nova de Gaia e do Porto. Tentamos fazer essas leituras para ver como estamos. Nuns anos estamos à frente de alguns colégios, noutros atrás. Orgulha-nos muito ver uma escola do concelho da Feira lá em cima e há sempre um ano ou outro que disputa taco a taco com as melhores escolas do País. E isso orgulha-nos.

Os rankings não alteram a vossa estratégia interna?

Nada. São apenas um indicador, mas há muitos. Nunca, por desaproveitamento escolar, mandámos alunos embora. Os alunos devem ser mandados embora quando per-

turbam a turma e, por vezes, temos de proteger a floresta, perceber que o grupo é mais importante do que ter um aluno que não quer aprender. Que não dá, por todas as estratégias que se usem. Nunca a escola convidou um aluno a sair por mau aproveitamento.

Queremos retirar o melhor de cada grupo. Chegar ao fim e verificar que os alunos deram o máximo, aprenderam, que têm as competências que queríamos que tivessem.

O desenho curricular é uma base fundamental. Que cuidados têm nessa definição?

Começamos a trabalhar desde a pré-escola. O desenho curricular da pré é muito parecido com o do 1.º Ciclo. Os alunos desde os quatro anos têm tudo o que os do 1.º Ciclo têm como Informática, experiências de ciência, Canto Coral, Educação Musical, natação, Inglês - a excepção é Filosofia que só surge a partir do 3.º ano. É importante que os alunos a partir dos quatro anos de idade tenham Inglês quatro vezes por semana. E vemos os benefícios. Neste momento, os nossos alunos do 9.º ano, comparativamente com o ensino normal, estão dois anos à frente no Inglês. E fazemos os exames Cambridge, temos uma parceria com a Universidade de Cambridge. Desde o pré-escolar, as aulas são dadas em Inglês. É um desafio que a própria equipa docente vai tendo.

O desenho curricular do Secundário é parecido com o do ensino

público?

A única diferença é que a partir do 10.º ano damos aulas de apoio de preparação para exames. O que a escola pública não faz. No Ensino Básico, como o próprio nome indica, dão-se as bases para um percurso, para que os alunos percebam o que querem ser, que competências querem desenvolver a pensar numa futura vida profissional. A partir do 10.º ano, o nosso foco muda. E procuramos preparar muito bem os alunos para que façam os exames e entrem nos cursos que pretendem.

Quantos alunos do Colégio, depois de terminado o 12.º ano, entram na universidade?

Neste momento, todos entram. Não temos ensino profissional, a entrada na universidade é o percurso normal. Entrarem na universidade e na primeira opção é muito importante para nós.

A maioria dos alunos entra na primeira opção?

No ano passado, apenas um dos nossos alunos não entrou na primeira opção. Os restantes entraram na primeira escolha e isso dá-nos uma enorme satisfação. É sinal de que os alunos atingiram as suas metas.

A partir do 10.º ano, em algum tempo livre dos alunos, temos oferta de aulas de apoio de preparação para os exames. Nas disciplinas em que vão ter exame, têm um reforço curricular. É um trabalho que tem de ser feito desde a primeira hora. Não se pode pensar que na véspera

se faz alguma coisa. Aproveitamos as pausas lectivas para fazer alguma preparação e trabalho.

Nas pausas escolares, o trabalho é facultativo?

Facultativo. Mas tendo essa oferta, os alunos vêm porque é um trabalho em seu benefício. A adesão é muito forte. Temos o cuidado de não ocupar o tempo todo. As crianças precisam de brincar e de ter tempo livre.

A aposta é numa educação integral?

É o global, de Escola Global, vem daí. Global com um sentido duplo. Global porque abrange a globalidade das várias realidades, global porque tentamos abarcar todas competências. Tentamos não esquecer a educação física, a educação artística. A criatividade é um elemento-chave. Tentamos fomentar as múltiplas dimensões dos nossos alunos. Não temos alunos em institutos de Inglês. A escola dá quatro horas de Inglês por semana aos alunos de quatro anos. No próximo ano, dará cinco horas.

A característica de termos duas turmas em cada ano permite uma grande ligação com os pais. Os pais sentem que quando têm alguma coisa para dizer que a escola os ouve. Percebem que conseguimos adaptar o percurso, a nossa oferta, a abordagem ao perfil que temos. A forma de trabalhar não é a mesma. Temos de olhar para o grupo e perceber as especificidades que os grupos têm.

Os pais são muito exigentes?



VICE» versa

▼ **EDUCAÇÃO** » Excelência
JUVENTUDE » Futuro
FUTURO » Juventude
COLÉGIO TERRAS DE SANTA MARIA » Líder
CONCELHO » Paixão

Muito exigentes. Nós gostamos dessa exigência. A exigência faz parte do dia-a-dia. A escola tem de ser exigente para com os alunos, os pais têm de ser exigentes para com a escola.

O parque escolar do Concelho está bem organizado e estruturado?

A Câmara faz tudo o que está ao seu alcance para organizá-lo da melhor forma possível. Não vale a pena perdermos tempo com litígios. Temos uma boa oferta escolar no Concelho. Todas as escolas trabalham bem.

Fará sentido criar novas escolas, uma secundária ou uma EB2,3, por exemplo?

Não me parece, até pela oferta que existe. A quebra da natalidade é um desafio que todas as escolas vão ter. A natalidade está em queda e não é por se pagar menos uns trocos no IRS que a natalidade subirá. Há problemas de outro género que é preciso resolver em primeiro lugar.

Essa é uma dificuldade que todas as escolas estão a ter. É um desafio muito grande. Quem está na Câmara desenha a oferta, o parque escolar, as infra-estruturas, a pensar num determinado contexto. Mas agora é preciso antecipar isso tudo. Estando a natalidade em queda, hoje o que parece que é apertado daqui a uns anos será um excesso.

O Colégio também sente essa quebra da natalidade?

Estávamos a crescer ininterruptamente até ao ano lectivo passado.

Neste ano, nem crescemos, nem diminuímos. O número de alunos é idêntico. A procura da creche é mais baixa. Se olharmos meramente para o número global de alunos, não sentimos uma redução. Mas numa leitura mais fina, vemos que a natalidade está em queda e sentimos que assim é.

Concorda com a filosofia dos centros escolares, de concentrar vários níveis de ensino no mesmo espaço?

O tamanho ideal de uma escola que todos os estudos apontam é o que o nosso Colégio tem. Parece-me bem um centro escolar com 600 alunos. É a dimensão ideal. Com 800, mais de mil, já são estruturas com uma dimensão pesada.

Não concorda com os mega-agrupamentos?

De todo. É uma asneira. É levarmos isto a um extremo. Percebo que, às vezes, é preciso passar do 8 para o 80. Provavelmente, e com a natalidade em queda, daqui por uns anos os mega-agrupamentos vão deixar de ser. Não sei se os decisores políticos tiveram em conta quando pensaram esses mega-agrupamentos para esta altura.

Em Portugal, exagera-se um pouco. Há claramente exageros no parque escolar, escolas com candeeiros Siza Vieira que custaram baldúrios quando, por vezes, um professor na sala de aula não tem recursos. Não há dinheiro para comprar um marcador, mas há dinheiro para candeeiros de arquitectos famosos. Mas isto não tem a ver com a Câmara ou com os agentes locais, tem a ver com a filosofia do País, nós enquanto nação. Os bairrismos tolmeh completamente a visão. Continuamos a pensar que no nosso bairro tem de haver tudo e não percebemos que há muitos bairros à nossa volta e nem todos podem ter tudo. Preocupamo-nos demasiado com o nosso umbigo, em vez de termos uma preocupação mais macro. Às vezes, é isso que falta.

EDUCAÇÃO □ "Não temos problemas económicos porque não entramos em loucuras".

Este Colégio não quer alunos espectadores e investe receitas no bem-estar da escola



Colégio venceu o prémio Fundação Ilídio Pinho Ciência na Escola com cosméticos à base de mel.

Procura tem aumentado nos concelhos de Ovar e Espinho. Sistema de transportes apanha os estudantes à porta de casa.

Este ano, o Colégio das Terras de Santa Maria venceu o prémio Fundação Ilídio Pinho Ciência na Escola na categoria correspondente ao 2.º e 3.º ciclos. Um prémio de 15 mil euros que será investido em projectos da escola. O hidratante corporal, a cera depilatória, o batom, o aftershave e o creme para pés gretados, todos estes cosméticos à base de mel destacaram-se a nível nacional. "O poder do mel e da própolis" envolveu a comunidade educativa. Mas mais importante do que o prémio é o processo. E quanto mais rico o processo, melhor. "O Colégio vive muito da ideia de projecto integrado" - refere Nuno Moutinho. Os alunos com quatro anos de idade já participam em oficinas de ciências. "Desde a primeira hora que achamos que a motivação para a ciência é essencial nos dias que correm" - comenta.

Numa primeira fase, essas oficinas envolveram um parceiro estratégico, ou seja, o Visionarium que criou um projecto à medida do Colégio. "De 15 em 15 dias, o Visionarium concebia experiências para nós, em cada período havia um tema, numa perspectiva do dia-a-dia, de ciência aplicada". Ciência apelativa, com conteúdos bem pensados e adap-

tados para suscitar interesse nos alunos. A equipa docente também recebia formação do Visionarium. "Também é preciso interiorizar este know-how, esta ideia de que o professor tem essencialmente de conseguir pôr os alunos a fazer". Para que os alunos não sejam meros espectadores nas aventuras científicas. No ano passado, depois de nove anos de parceria, o Colégio com a bagagem cheia começou a caminhar pelos próprios pés. Mas sempre com o Centro de Ciência do Europarque por perto. "O Visionarium continua a ser um parceiro estratégico, mas numa perspectiva de consultadoria".

Preparar os alunos para um futuro é um dos principais objectivos do Colégio e isso significa olhar para as competências chave dos estudantes. Ao longo do ano, surgem projectos, alguns internamente, e concursos que estimulam alunos e professores. O corpo docente é escolhido a dedo. "Temos uma equipa docente estável, dinâmica e motivada". O mérito é o critério que aparece no topo da lista. Quem entra passa por um período de contrato a termo e só entra nos quadros se mostrar competências e capacidades. Mérito comprovado, é assinado um contrato sem termo. Neste momento, 90 por cento dos docentes pertencem aos quadros. O Externato Paraíso dos Pequenos tem 10 professores do 1.º Ciclo e cinco educadoras, um psicólogo, uma técnica de acção educativa e uma professora de apoio pedagógico sem turma atribuída. No Colégio, são mais de 20 docentes do 5.º ao 12.º ano. Ao todo, cerca de 630 alunos do pré-escolar ao Secundário, desde os

dois aos 18 anos. Duas turmas por cada ano. O Colégio tem uma tabela de preços universal, a mensalidade ronda os 250 euros por mês. Há famílias com bolsa de estudo que pagam menos. "Há uma diversidade e heterogeneidade social e económica na escola". É uma diversidade geográfica com transporte que vai buscar e levar os alunos à porta de casa, desde a ponte da Arrábida à entrada de S. João da Madeira. E a procura tem vindo a aumentar nos concelhos de Ovar e de Espinho.

Não há pagamentos à parte, só para actividades depois do horário escolar, como, por exemplo, karaté, hip-hop, ginástica rítmica, ténis, ioga. Tudo o que está dentro do horário da escola está incluído na mensalidade como aulas de Inglês, e os alunos da pré têm quatro vezes por semana, os exames Cambridge feitos em determinados anos, as oficinas de ciência, Filosofia a partir do 3.º ano, Canto Coral e Música, aulas de natação até ao 6.º ano.

"Não se trata de uma grande empresa que quer ter lucros avultados. É um projecto de família. A escola, felizmente, está com uma boa saúde financeira. Somos PME líder e para conseguirmos esse estatuto tiveram de auditar as nossas contas, temos certificação de qualidade. Não temos problemas económicos porque não entramos em loucuras. Todos os anos, o Colégio reinveste a maioria dos lucros" - refere. Em 2010, o Colégio criou um novo edifício, com 1000 metros quadrados de construção de raiz, só para o Secundário. No ano lectivo passado, o prédio mais antigo, do 5.º ao 9.º ano, foi requalificado.

DETALHE**"A escola é a minha casa"**

Maria Carlota, mãe de Nuno Moutinho, fundou o Externato Paraíso dos Pequenos em Setembro de 1979. Nessa altura, a fundadora, professora primária, já tinha Inglês, Música e Educação Física no programa desde a pré-escola. Havia também festas de final de ano com momentos de teatro e de música protagonizados pelos alunos. "Tudo o que fazemos nos dias de hoje é fruto da história da instituição" - garante Nuno Moutinho. Antes de Lourosa, o primeiro projecto de Maria Carlota era uma pré-escola que funcionava no rés-do-chão de uma loja em Paços de Brandão. Nuno Moutinho tinha meses e ia com a mãe. "Está-me no sangue. A escola é a minha casa" - diz.

Em 1993, Nuno Moutinho e o pai decidiram criar o Colégio das Terras de Santa Maria que seria uma continuação do externato, mas com uma componente autónoma. No ano seguinte, um pequeno grupo de alunos inscreveu-se no Colégio e o projecto ganhou formas. Na altura, Nuno Moutinho tinha 20 anos, estudava Economia na faculdade, e estava na direcção do Colégio. Em 2003, assume a direcção-geral, criando o grupo Escola Global. Maria Carlota continua no projecto, é directora pedagógica da escola. Um projecto de família, portanto, que está no sangue.